

SANTA-CATARINA NA EXPOSIÇÃO DO X CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA

Destacada por visitantes e professores, a exposição com que Santa-Catarina se apresentou ao X Congresso Brasileiro de Geografia diferenciou-se das demais por seu caráter interpretativo da paisagem geográfica da terra catari-nense Interessante se torna, assim, uma descrição deste trabalho Tendo feito parte da Comissão¹ designada pelo Exmo Sr Interventor de Santa-Catarina para a organizar, estamos em condições de dar sobre ela algumas informações.

Preliminarmente, sentimos que a própria comissão poderia apresentar trabalho mais científico Lutando, porém, contra prazo demasiadamente curto e falta de material fotográfico decorrente do estado de guerra, ela se viu limitada ao uso de fotografias dos arquivos da Diretoria de Geografia e Terras e Departamento Estadual de Estatística, o que lhe desculpa a deficiência que se possa apontar

O espaço colocado à disposição da Comissão ditou a conveniência de se apresentar 10 painéis capazes de constituir, com suas fotografias e cartogramas, uma visão geográfica de que é o Estado de Santa-Catarina, visto em seus diferentes aspectos, de leste para oeste, isto é, da orla marítima para o interior Foram apresentados também 2 outros quadros de cartografia antiga, com a intenção de ilustrar a representação que tem tido o seu território

Ai foram expostos os mapas de MIGUEL JOSÉ DE BRITO, VAN LEEDE, BELLEGARD e barão de TERÉ, todos confeccionados no século XIX

Encerrada a exposição, a descrição do que ela foi contém sérias dificuldades Contudo, com o duplo fim de informar aos que não tiveram ocasião de a visitar, e mostrar qual a sua interpretação aos numerosos visitantes, notadamente a estudantes cujos professores os incumbiram de realizar semelhante tarefa, vamos descrever cada painel, enumerando-os pelos títulos que ostentavam, fazendo em seguida a relação de todos os quadros e cartogramas, e terminando pela interpretação do quadro.

CLIMA E VEGETAÇÃO (2)

Mapa demonstrativo da posição do Estado de Santa-Catarina

Cartograma intitulado — Região de chuva de relêvo

1 — Fotografia de Laguna, cidade na orla marítima, com a legenda de que, dominando em Santa-Catarina o clima temperado brando, esta cidade goza de inverno doce, enquanto que São-Joaquim, (fotografia 2), a 1 360 metros de altitude, conhece, anualmente as nevasdas

Vistas do Salto-do-Pilão, no rio Itajaí-Açu (ns 3 e 4) destinadas a exibir a redução da precipitação no inverno, pois que o volume d'água do verão (foto 3) se reduz consideravelmente no inverno (foto 4)

Mapa fito-geográfico do Estado, com as áreas em que dominam a mata costeira, a mata de araucárias e o campo As fotografias que ilustram o mapa foram colocadas em redor, na seguinte ordem

- 5 — vegetação subxerófila na planície arenosa do sul;
- 6 — vegetação hidrófila que obstrui os rios de planície (rio Matias);
- 7 — vegetação higrófila típica da mata costeira (Brusque),
- 8 — faxinal nas cabeceiras do rio Urubici, a 1 600 metros de altitude,
- 9 — pinheiral, associação de *araucaria brasiliensis* e *ilex paraguayensis* (Canoinhas)

DESTRUIÇÃO DA FLORESTA

- 10 — Campos e mata ciliares (Lajes),
- 11 — toras de pinheiros às margens da via férrea (Canoinhas),
- 12 — substituição da mata costeira por pastos e lavouas no vale do rio Itajaí-Norte,
- 13 — exploração de carvão com mina em céu aberto, onde não é possível a abertura de galerias.

¹ A referida comissão foi composta do Eng JOSÉ NICOLAU BORN, Sr. AROLDO CALDEIRA e o autor, que contaram com a eficiente colaboração dos cartógrafos JOSÉ BAIÃO, MILTON LEHMKEHL, VALDIR GIL e B FERNANDES

² Com o objetivo de mostrar como foram organizados os painéis é reproduzido o quadro intitulado "Clima e vegetação"

Interpretação — O Estado de Santa-Catarina, situado ao sul do trópico de Capricórnio, goza de clima temperado brando, que possui particularidades ditadas pelo relevo. A divisão do território catarinense em duas regiões distintas, litoral e planalto, terminando este nos taludes que constituem a serra Geral, é a responsável por essas diferenças de tipos climáticos. Contra os paredões da serra Geral, que corre em sentido N-S, e portanto apresenta suas escarpas voltadas para leste, os ventos do mar fazem acumular-se nuvens, originando as “chuvas de relevos”, do que resulta ser essa escarpa a região de maior precipitação pluviual do Estado.

A influência sobre a temperatura decorre da diferença de altitude. Duas cidades situadas quase no mesmo paralelo, como Laguna e São-Joaquim, (fotos 1 e 2)³ apresentam aspectos diversos no mesmo inverno, porque estando a primeira na orla marítima, goza de inverno doce, enquanto a outra, no planalto, a 1 360 metros sobre o nível do mar, conhece anualmente as nevasdas.

É digno de registro, por sua ação sobre o homem, a redução da precipitação no inverno.

Conquanto não se dê na amplitude suficiente para caracterizar o clima de inverno seco, tal fenômeno, por sua intensidade, chega a manifestar-se no regime d'água dos rios. Exemplos evidentes são as duas vistas tomadas no salto do Pilão, no rio Itajaí-açu (fotos 3 e 4) em que é impressionante a redução de volume que o rio apresenta na estação invernosá, prejudicando o abastecimento d'água das populações urbanas e a produção de energia elétrica.

A influência do clima se manifesta exuberantemente sobre a vegetação. Na região do litoral reina a mata costeira, que exige umidade e calor, e no planalto a mata de araucária e o campo, que não necessitam desses fatores na mesma proporção. A representação fitogeográfica em escala reduzida, se limita esquematicamente os tipos de vegetação a três somente, não deve ser aceita com exclusão de outras formações menos importantes e isoladas.

No litoral sul, por exemplo, são encontradas constituições florísticas nitidamente sub-xerófilas, decorrentes de solos em terrenos de formação marinha (foto 5), ainda nessa região há vegetações hidrófilas que obstruem os rios de planície (foto 6). A mata costeira é vista em todo seu esplendor nas encostas das montanhas e nos vales dos rios, em formações hidrófilas que exerceram influências consideráveis sobre o povoamento (foto 7).

No planalto, a mata de araucária e o campo não se excluem de maneira completa. São frequentes as associações dessas formações, em faxinais, cujos exemplares mais típicos podem ser encontrados junto às cabeceiras do rio Urubici, a 1 600 metros de altitude (foto 8). Dentre as florestas de araucária, onde se dá a associação da *araucaria brasiliensis*, *ilex paraguayensis* e *phoebo porosa*, destaca-se mais freqüentemente a das duas primeiras espécies, como na região de Canoinhas e todo planalto norte do Estado (foto 9).

A distribuição da mata de araucária e do campo não se deve a agentes climáticos diretamente, mas a fatores edáficos. Em geral o campo domina as áreas pouco irrigadas, perdendo para a floresta nos vales profundos e mesmo nos pequenos ribeiros que são cobertos por matas ciliares, vistas com abundância na região de Lajes (foto 10).

No meio das múltiplas relações existentes entre o homem e a floresta, destacam-se a de subordinação aceita pelas sociedades em estágio primitivo de civilização, e a reação contra seu domínio ostentada pelo homem civilizado, que a ataca, obtendo dela o que necessita para suas necessidades. Contudo, a destruição das matas por vezes passa dos limites a desejar, violada por numerosos inimigos tanto mais ferozes quanto melhor providos tecnicamente dos elementos que a civilização fornece. Ressaltemos somente três aspectos deste problema. A indústria da madeira, pela sua extensão, é a que se destaca com maior evidência. Onde ela é melhor aparelhada, em Canoinhas (foto 11) com via férrea própria, são comuns as imensas pilhas de toras de pinheiros acumuladas às margens da via férrea, testemunhando o assalto sofrido pela floresta. A lavoura, por sua intensidade, é igualmente digna de ser lembrada. É típica a paisagem do vale do rio Itajaí-do-Norte, onde prosperam os lavradores mais ativos do Estado, que substituíram a paisagem da mata costeira pelas plantações de pastos e lavouras a que se dedicam (foto 12).

Onde, porém, a mais completa destruição atinge o revestimento florístico é na mineração de carvão. Este ocorre, comumente, entre camadas de arenito, que assim favorece a abertura de galerias. Quando, porém a laje é atingida por fatores de decomposição, é necessário remover a terra que cobre o carvão e

³ Na impossibilidade de se reproduzir tôdas as fotografias que figuravam na exposição, foram destacadas algumas somente. Assim, a alusão às diferentes fotos que aqui se faz, não diz respeito às reproduções, mas às que receberam os números citados e que constam da relação que precede a interpretação.

explotá-lo em mina a céu aberto. Grandes máquinas atiram-se contra a floresta, arrancando as árvores com o solo em que vivem, até deixarem reluzir ao sol o minério cobinado (foto 13).

POPULAÇÃO

Cinco cartogramas formaram este quadro:
 demonstração da população e da superfície;
 distribuição da densidade de população por municípios segundo o censo de 1940,
 demonstração da procedência e expansão da população de origem portuguesa em Santa-Catarina;
 situação das colônias de imigrantes europeus no século XIX em Santa-Catarina;
 expansão das colônias situadas pelo cartograma anterior.

Interpretação — Excluindo-se o município de Xapecó, incorporado ao Território Federal de Iguaçu, o Estado de Santa-Catarina tem 1 256 223 habitantes, que se espalham por 80 596 quilômetros quadrados. Essa distribuição, naturalmente, não é feita uniformemente, havendo regiões de maior concentração e outras onde a ocupação humana é rarefeita. De uma forma geral, pode afirmar-se que o litoral e os vales dos grandes rios apresentam maior densidade de povoamento que as zonas daí retiradas.

A população catarinense descende de núcleos portugueses estabelecidos nos séculos XVII e XVIII, e de colônias povoadas por imigrantes de outras regiões da Europa no século XIX.

De São-Vicente, no século XVII, saíram as bandeiras povoadoras que ocuparam o litoral de Santa-Catarina, lançando os alicerces de São-Francisco, Des-têrro (Florianópolis) e Laguna.

As populações das duas últimas póvoas foram aumentadas pela imigração madeirense e açoreana, chegadas no século XVIII. Foi a época da ocupação da orla marítima. No mesmo século desgarrou-se de São-Paulo nova bandeira colonizadora, que fundou Lajes. Tratava-se de homens atraídos pelos campos favoráveis ao estabelecimento de fazendas, que assim estenderam o povoamento às regiões que se prestavam ao gênero de vida pastoril.

No século XIX iniciou-se a colonização com imigrantes alemães, italianos, polacos, russos, suecos, suíços, belgas e franceses. Situados a leste do planalto, os núcleos fundados destinaram-se a preencher o vazio existente entre a população da orla marítima e a da região de Lajes.

No século XX, a pouco mais de meio século de seu estabelecimento, essas colônias apresentaram extraordinária capacidade de expansão, índice de que seus habitantes abandonaram processos agrícolas dominantes na Europa, em zonas densamente povoadas, pelos adotados no Novo-Mundo e orientados pela dispersão. A comparação entre as rotas seguidas pelas correntes assim formadas e a maneira de se expandir da população de origem portuguesa, mostra que se tratava de homens de gêneros de vida diversos. Os primeiros povoadores, no litoral, entregaram-se à pesca, tratando subsidiariamente da lavoura, razão porque se adensaram junto às praias. No planalto foi a pecuária que ditou a expansão, assim se explicando o motivo de se evitar os rios, domínio da floresta, e preferir as regiões de campo. As correntes saídas das colônias de imigrantes europeus, constituídas por lavradores, procuraram justamente os vales dos rios por aí encontrarem solos florestais favoráveis à agricultura.

AS ILHAS

Painel composto com os seguintes elementos cartograma demonstrativo das ilhas no litoral catarinense: planta da ilha de Santa-Catarina;

foto 1 — relêvo típico da ilha de Santa-Catarina;

foto 2 — lagoa da Conceição, que junto aos morros graníticos e à planície, mostra a constituição geológica da ilha de Santa-Catarina, planta esquemática da cidade de Florianópolis,

foto 3 — ponte Hershílio-Luz, que liga a ilha de Santa-Catarina ao continente;

foto 4 — palácio do governo, expressão da função política de Florianópolis;

foto 5 — vista de Florianópolis; mapa da ilha de São-Francisco;

planta esquemática da cidade e do porto de São-Francisco,

foto 6 — morros em cuja aba se encontra a cidade,

foto 7 — cidade e porto de São-Francisco;

foto 8 — madeira que aguarda embarque no porto de São-Francisco.

Interpretação — A depressão existente na parte oriental do Brasil, e que se agrava de Rio-de-Janeiro para o sul, criou, em Santa-Catarina, um litoral cheio de ilhas das quais as maiores são as que receberam os nomes de Santa-Catarina e São-Francisco. Na primeira, predominam as montanhas orientadas para N S (foto 1) e como demonstração de que foram, outrora, diversas ilhas que a ação do mar ligou, é comum encontrarem-se lagoas que evoluíram das restingas, e planícies que crescem com o seu atêrro sistemático e contínuo, em paisagens dominadas por elevações graníticas que foram os seus primeiros elementos (foto 2). É na ilha de Santa-Catarina que está situada a cidade de Florianópolis, ligada ao continente pela ponte Hersílio-Luz (foto 3).

Cidade—pôrto, nascida na enseada existente entre a ilha e a terra firme, Florianópolis destaca-se por sua função política de capital do Estado (fotos 4 e 5).

A ilha de São-Francisco, igualmente de natureza granítica, distingue-se tanto por sua extensão como por conter a cidade de São-Francisco, importante pôrto da região norte do Estado. A cidade está situada na aba do morro junto ao qual se encontra a abrigada enseada que favoreceu o estabelecimento do pôrto (fotos 6 e 7), notável por ser o maior escoadouro de madeira no território catarinense (foto 8).

A COSTA

Diversos aspectos dêste tema são focalizados
Praia de veraneio, contendo

- 1 — praia de Laguna, refúgio de verão dos habitantes do sul,
 - 2 — Cabeçudas, praia freqüentada pela população do vale de Itajaí
- Cartograma com indicação de outras praias de veraneio

Praia de pesca:

- 3 — Piçarras, praia de pesca e de veraneio,
- 4 — vila de Garopaba, na qual dominam os pescadores, mostrando ao fundo plantações de mandioca;
- 5 — pescaria na praia de Imbituba,
- 6 — lavradores que compram peixe na praia de Barra-Velha

Litoral construído por ação marítima

- 7 — pôrto e barra de Laguna, mostrando ao fundo o braço de mar e a planície a leste,
- 8 — rio obstruído no canal Laguna-Araranguá;
- 9 — fixação de dunas na Laguna,
- 10 — trabalhos de fixação de dunas na Laguna;
- 11 — pôrto e lagoa de Jaguaruna;
- 12 — canal Laguna-Araranguá;
- 13 — construção do canal Laguna-Araranguá,
- 14 — lagoa de Figueirinha

A casa e a costa:

- 15 — casas que fazem frente para a enseada na vila de Guaporanga,
- 16 — casas em restingas, protegidas do vento pela vegetação;
- 17 — casas de pescadores na praia de Araranguá;

Interpretação — Diversas são as relações entre o homem e a costa. As aprazíveis praias de veraneio, com sua população ociosa, são índices de suas proximidades a centros urbanos prósperos. A fundação da praia de Laguna é servir de refúgio contra o verão aos habitantes de cidades como Laguna, Tubarão e outras da região meridional do Estado (foto 1). A população das cidades do vale de Itajaí acorre a Cabeçudas, que com seus palacetes mostra o elevado nível econômico da região a que se encontra ligada (foto 2). Outras praias notáveis são dignas de assinaladas, como as que estão unidas a Florianópolis, Joinville e São-Francisco.

É freqüente a praia servir à pesca e ao veraneio. Piçarras exemplifica êste fato, com sua população primitiva dedicada à pesca e os veranistas de Blumenau, Itajaí e Joinville a consumir o produto dessas pescarias (foto 3).

O gênero de vida mais antigo a dominar entre a população de origem portuguesa em Santa-Catarina é o da pesca. Não é de estranhar êsse fato, quando

se observa que a colonização do século XVIII, obrigada a disseminar o povoamento, mas condenada a não intentar qualquer indústria que pudesse concorrer à de Portugal, e a não manter qualquer contacto com navios estrangeiros que chegassem aos portos, estava limitada a extrair, do meio ambiente, os elementos de sua economia. O peixe sêco e a farinha de mandioca foram, através do tempo, os produtos a que se dedicaram estas populações

O progresso e o aumento da densidade de povoamento não alteraram essas atividades

Se no passado dependiam do comércio com outros portos brasileiros para sua colocação, atualmente êsses artigos têm bons mercados no próprio Estado. Encontram-se, assim, povoados e vilas constituídos de pescadores, como Garopaba, em que se deparam, próximas, plantações de mandioca para o fabrico de farinha (foto 4), formando sociedades que mostram as mesmas ocupações de há dois séculos passados.

Evidentemente a indústria da pesca não é limitada ao abastecimento das cidades. Há, por vezes, lances de milnars de peixes, que são arrastados às praias, como em Imbituba (foto 5) e que os deficientes meios de transportes não permitiriam o aproveitamento se não houvesse a salga que os preserva da decomposição. Outro destino dado ao pescado é a venda do mesmo aos lavradores que residem nas proximidades do mar. Como em Barra-Velha, é comum se ver os lavradores, na praia, à tarde, à espera que os pescadores voltem do mar com o resultado da pescaria (foto 6).

O litoral construído por ação marítima constitui, em Santa-Catarina, uma das suas regiões mais típicas. Em Laguna, por exemplo, são sugestivas as elevações, antigas ilhas, que foram ligadas entre si e o continente pela ação construtiva do mar, de maneira a isolar um braço dêste entre elas e o antigo litoral (foto 7). Ao sul do cabo de Santa-Marta, porém, foi criada a zona mais digna de destaque. A costa, destituída de seu anteparo granítico, inflete para sudoeste em forma retilínea, e apoiada em antigas ilhotas, foi construindo restingas, lagos e planícies, que se estendem até o limite sul do Estado. As lagoas se unem por pequenos rios, obstruídos por vegetação hidrófila (foto 8), e êste fato sugeriu a abertura de um canal que ligasse Laguna a Araranguá, através das lagoas, obra em construção assaz adiantada (fotos 12 e 13).

As dunas, próprias a semelhante tipo de litoral, são abundantes perto da cidade de Laguna. O pôrto é interessadíssimo na fixação das mesmas (fotos 9 e 10). Os ventos que incidem sobre esta região atiram-nas sobre o canal, e as marés as arrastam para a barra, prejudicando grandemente a função do pôrto de Laguna.

As lagoas, por sua extensão, influem sobre núcleos urbanos, como Jaguaruna, que possui pôrto lacustre (foto 11). Normalmente tôdas elas vão sendo aterradas, mesmo quando apresentam o belo aspecto da de Figueirinha (foto 14) evoluindo para os pantanais comuns na região.

A relação mais visível entre as casas e a enseada é o fato daquelas fazerem frente para o mar. Assim se encontram numerosas vilas, entre as quais Guaporanga, que se fixaram nesses locais por encontrarem, aí, abrigo para as embarcações (foto 15). Nas restingas, existentes em costas retilíneas, já as casas evitam o mar, abrigando-se do vento entre a vegetação (foto 16).

As casas dos pescadores, localizadas nas praias, merecem atenção. Pobres, cobertas de palha, mostram a função que exercem em determinados detalhes que apresentam. Na fachada, é estendida a rêde, após a pesca. Na frente, é firmada a roda para traçar o fio com que se conserta o material de pesca (foto 17). A comparação entre a casa na praia de Araranguá e as que estão na vila de Garopaba focaliza, porém, notável diversidade na maneira das populações se dedicarem ao mesmo gênero de vida. Em Garopaba encontram-se construções acessórias para guarda de embarcações, que largam da enseada para o alto mar. Essas não são vistas na praia de Araranguá, costa retilínea sem abrigo, na qual a altura das ondas não permite o uso de canoas.

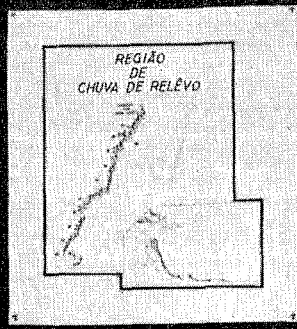
RELEVO E HIDROGRAFIA

1 — Mampituba, rio de planície, o relevo e hidrografia do Estado, e as seguintes fotografias

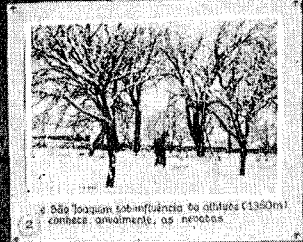
- 1 — Mampituba, rio de planície,
- 2 — elevações de arenito triássico na região da Rocinha,
- 3 — planalto de São-Joaquim, em que aparece a linha que constitui o vértice da serra Geral;
- 4 — morro da Igreja, face da escarpa da montanha de ruptura chamada serra Geral;
- 5 — serra da Farofa, no limite das áreas sedimentar e basáltica do planalto;

CLIMA E VEGETAÇÃO

PARTICULARIDADES GEOGRÁFICAS DO CLIMA



Engenheiro, com clima temperado devido aos de influência atlântica.



São Joaquim sob influência da altitude (1380m) com chuvas anuais, as nevascas.



Com vegetação de planície costeira do Sul do Estado.



Vegetação arbórea em margens de rio de planície (Rio Tijuca).



Indicando a redução da precipitação no inverno, verões o Sudoeste do Pádo, no Rio Tijuca, com seu volume de água normal.



e a eliminação da massa líquida que o mesmo Sudoeste do Pádo apresenta no inverno.



Vegetação típica litorânea na faixa costeira.



Floresta e campo a 1600 metros de altitude, nas cabeceiras do Rio Urubici.

DESTRUIÇÃO DA FLORESTA



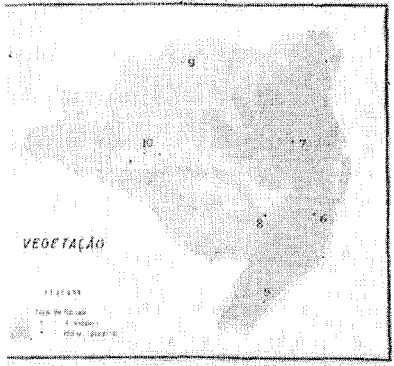
Indústria madeireira decorre do aumento da margem do rio Itajaí.



Floresta de mata atlântica (restação de mata atlântica) e sua preservação (Caramuru).



Agricultura substituída pela pecuária na faixa costeira por pastos e fazendas.



Campo de planície costeira, sob influência de ventos atlânticos.



Mitigação do impacto da floresta para recuperação de áreas onde não houve a abertura de estradas.

Painel intitulado CLIMA E VEGETAÇÃO. Note-se a separação entre os assuntos pertencentes a temas diferentes, indicados por títulos apropriados, e a localização das fotografias nos pequenos cartogramas que representam o Estado de Santa-Catarina, e no que focaliza a vegetação no mesmo território.

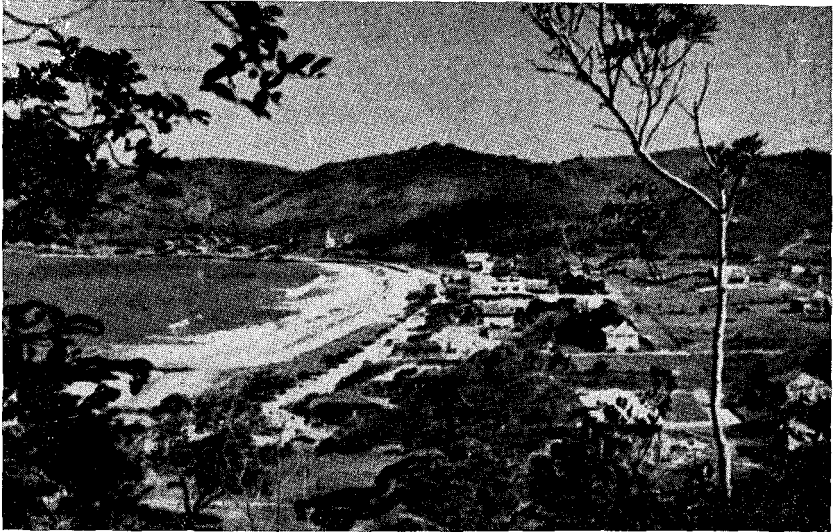


Foto n.º 1 do quadro "A COSTA" — Praia de Cabeçudas, freqüentada por habitantes do vale do Itajaí

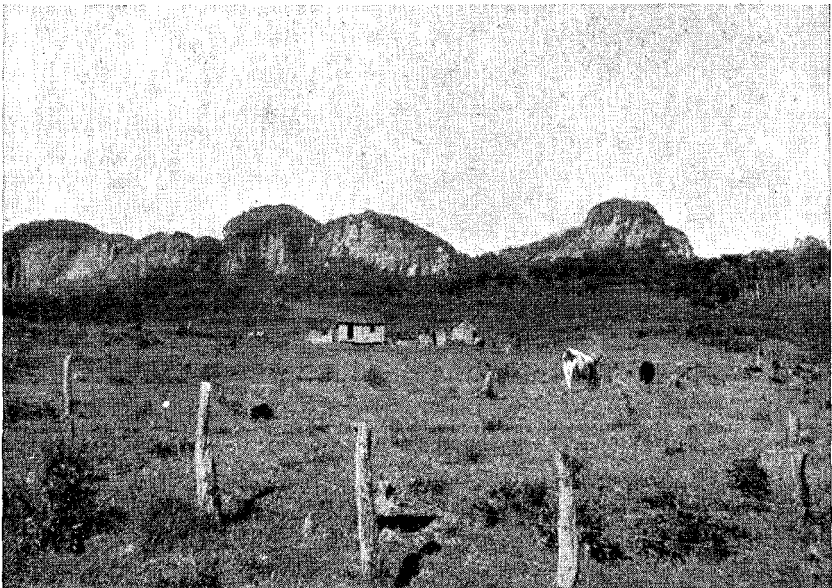


Foto n.º 2 do quadro "RELÊVO E HIDROGRAFIA" — Elevações de aento triássico na região do rio Rocinha



Foto n° 10 do quadro "PLA-
NALTO PASTORIL". Semi-
nomadismo Habitação
de verão.
(altitude de 1 750 metros)



Foto n° 11 do quadro "PLA-
NALTO PASTORIL" — Tran-
sumância Rebanho que,
indo o verão, volta às pas-
agens de inverno. Foto ori-
ginado pela subdivisão do
latifúndio pastoril



Foto n° 12 do quadro "PLA-
NALTO PASTORIL" — Casa
típica de fazenda nos cam-
pos de São-Joaquim
(altitude de 1 300 metros)

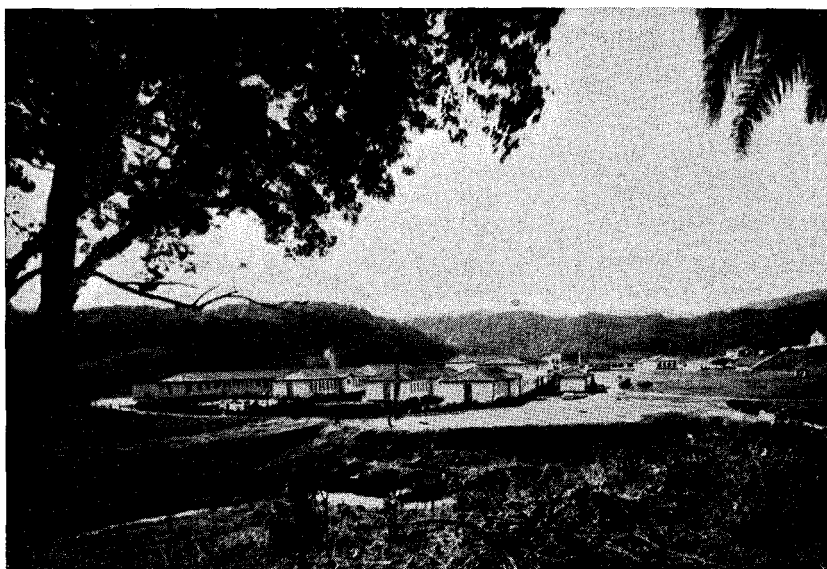


Foto n.º 8 do quadro "OBRAS PÚBLICAS E A FUNÇÃO GEOGRÁFICA" — Colônia "Santana", para psicopatas, construída em 1941 Localizada na zona agrícola, trouxe a esta a função hospitalar

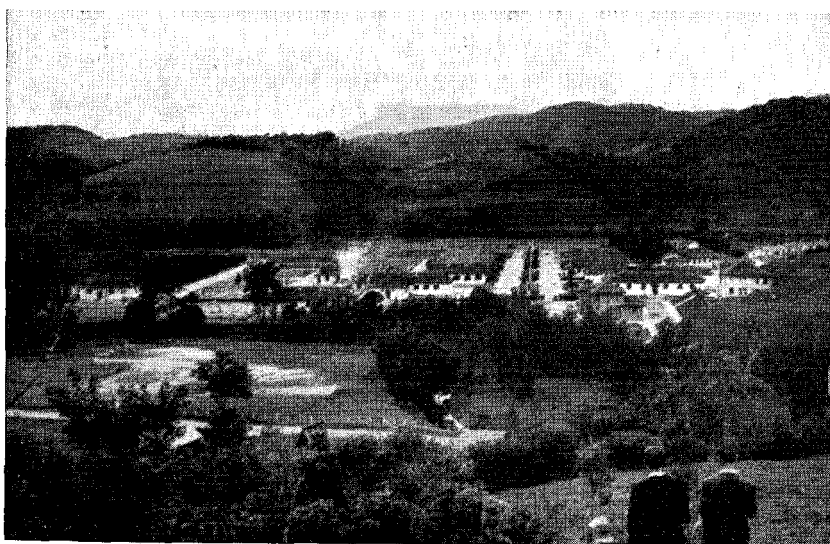


Foto n.º 9 do quadro "OBRAS PÚBLICAS E A FUNÇÃO GEOGRÁFICA" — Colônia "Santa Teresa", para leprosos, construída em 1940 O vale ocupado passou da função agrícola à hospitalar

- 6 — vale do rio Pelotas, no campo basáltico;
- 7 — relêvo na área sedimentar do planalto na vila de Ponte-Alta,
- 8 — rio do Peixe, vale no planalto basáltico;
- 9 — planalto basáltico na divisa das bacias do Uruguai e Iguaçu,
- 10 — planície do rio Iguaçu no planalto permiano (Pôrto-União),
- 11 — vale do rio do Cedro, de natureza granítica, dominado por terrenos sedimentares;
- 12 — divisor entre as bacias do Iguaçu e do Itajaí, em Paraguaçu;
- 13 — rio Canoas, na área sedimentar do planalto,
- 14 — planície aluvial do rio Itapocu;
- 15 — tipo de afluente do rio Itajaí na região arqueana,
- 16 — tipo de relêvo dos terrenos permianos da região de Lauro-Müller, vendo-se ao fundo a serra Geral;
- 17 — planalto da Boa-Vista, de natureza sedimentar, vendo-se ao fundo a serra Geral,
- 18 — rio Garcia, tipo de vale jovem nos terrenos arqueanos,
- 19 — rio Araçatuba, tipo de vale senil nos terrenos arqueanos;
- 20 — lagoa do Sombrio, típica da planície construída por ação marítima

Interpretação — A serra Geral, frente de erosão de antiga montanha de ruptura, que pela sua imponência se destaca no relêvo do território catarinense, divide o litoral e o planalto. Este é suavemente inclinado para oeste (foto 3), e a caracterização de sua borda oriental, a serra Geral, é feita pelos itaimbés que encontram no morro da Igreja o seu exemplo mais belo e impressionante (foto 4). No litoral sul, onde montanhas não se erguem entre o mar e o altiplano, este deixou testemunhas de seu antigo domínio nas elevações triássicas (foto 2), por entre as quais correm cursos fluviais, que tendo nascido nas altas regiões, ganham logo as extensas planícies (foto 1).

O planalto catarinense estende-se por terrenos de idade triássica e permiana. Entre os primeiros, distinguem-se áreas de *trapp* e de formação sedimentar, cujo contacto é feito por relêvo movimentado (foto 5) em oposição ao das regiões sedimentar (foto 7) e de *trapp* (foto 9), onde dominam as colinas. No campo basáltico chama a atenção o poder erosivo dos rios, que correm em vales rasos nas proximidades de suas cabeceiras (foto 6) e em vales profundos, quando grande é o volume d'água (foto 8), ao passo que na zona sedimentar mesmo as grandes correntes fluviais jamais chegam à mesma intensidade erosiva (foto 13).

Passada a serra do Espigão, está o planalto permiano, a que se junta igualmente pequena área sedimentar triássica. A característica mais notável deste altiplano é encontrada na ausência de escarpas em seus limites. O nível de base que determinou a erosão normal nessa região é o Iguaçu, rio de planalto em vale senil (foto 10), e assim a parte sul, que se limita com o vale de Itajaí, apresenta nitidamente a linha divisora entre as duas bacias, em terrenos da mesma formação geológica (foto 12), ou seus antigos limites aparecem ainda como testemunhas dominando nos que correm sobre rochas arqueanos (foto 11). É a leste deste planalto que se vê a serra do Mar, com a característica de borda do extremo oriental do altiplano. Daí para o sul esta serra foi desagregada em sistemas que possuem nomes locais, tais como serra de Itajaí, de Tijucas etc, separadas por planícies (foto 14) e vales de diferentes tipos (fotos 15 e 18), desaparecendo nas proximidades de Laguna em vales amplos de águas quase serenas (foto 19).

Entre as serras assim destacadas e a serra Geral, estão Boa-Vista e as chapadas dos Faxinais, restos do antigo planalto permiano rebaixado pelas águas do rio Itajaí (foto 17), tendo ao sul o relêvo típico dos baixos terrenos permianos (foto 16) que confrontam com a planície arenosa construída por ação marítima (foto 20).

O RIO E O HOMEM

Diferentes aspectos desse tema foram focalizados no quadro

Navegação fluvial, com as seguintes fotografias:

- 1 — navegação no rio Itajaí-açu;
- 2 — barragem no Itajaí-d'Oeste, para permitir a navegação,

Cidades nascidas em tórno de portos fluviais, contendo plantas das cidades de Blumenau e Brusque e as fotografias seguintes:

- 3 — Blumenau, cidade de rio, é o centro econômico do vale do Itajaí;
- 4 — cidade em que domina a função industrial (Blumenau),
- 5 — Brusque, cidade que perdeu a função de porto,
- 6 — Brusque, cidade industrial;

cartogramas com indicação de outras cidades semelhantes;
cidade de portos flúvio-marítimos, com plantas de Joinville e Itajaí, cartogramas com indicação de outras cidades semelhantes, e fotografias.

- 8 — Joinville, cidade criada às margens do rio Cachoeira, em local que sofre as variações da maré, sendo cidade industrial e comercial;
- 9 — cidade de Itajaí, cujo traçado obedeceu às sugestões do rio;
- 10 — rio Itajaí, vendo-se a cidade de Itajaí junto à foz,
- 11 — o porto, elemento de formação e de progressão de Itajaí

O rio e a casa, com a fotografia 7, de casa de índio Botocudo, construída com frente para o rio, que serve de via de comunicação.

Travessia do rio, com as fotografias 12, da balsa no rio Canoas, e 13, da ponte sobre o rio Tubarão

Interpretação — Os rios, as “estradas que andam”, são as vias de comunicação que primeiramente se impuseram ao homem. O Estado de Santa-Catarina mau grado possuir riquíssima rede hidrográfica, não foi dotado de grandes rios navegáveis. Poucos são aqueles em que embarcações que superem as pequenas lanchas podem transitar, como sucede em parte do rio Itajaí-Açu (foto 1). Digno de registro se torna a barragem construída no rio Itajaí-d'Oeste, com o objetivo de regularizar seu regime de maneira a permitir a navegação regular em seu curso (foto 2).

Relacionada à conexão entre o rio como via de comunicação e a casa, é interessante observar quando a corrente fluvial orienta a construção dos prédios. É comum se ver, nos vales povoados, as habitações fazerem frente para o rio, porém observação mais cuidadosa mostra que a orientação foi ditada pela estrada. Nos vales se acham as terras mais apropriadas às lavouras, e freqüentemente também as passagens mais fáceis para as estradas, que orientam a casa. Quando o rio aparece como via de comunicação, aí então é ele quem determina a localização do edifício. Entre os índios Botocudos (foto 7) desprovidos de estradas, as casas exibem nitidamente sua subordinação à corrente navegável por pequenas canoas, por sua localização sobre a ribanceira, sua orientação e proximidade ao porto de atracação, do qual sobe o caminho que lhe dá acesso.

Tão íntima quanto à da casa isolada que depende das comunicações fluviais, é a relação entre o rio e as cidades que lhe são ligadas pelo transporte. São as cidades de portos fluviais, de que Blumenau, em que predomina a função industrial (foto 4), é o exemplo típico, com suas construções às margens da rua principal que acompanha o curso do Itajaí-açu, e as vias secundárias perpendiculares a ele, demonstrando ser o que se denomina cidade de rio (foto 3).

É necessário, contudo, não generalizar. Há outros núcleos, que em sua fundação foram subordinados ao rio e por este parcialmente abastecidos, e pouca influência demonstram desta ação. Brusque, cidade industrial (foto 6), é um exemplo deste caso, pois que as comunicações por estradas, substituindo imediatamente as estabelecidas pelo rio, coloca-a na categoria de cidade de planície, por não se encontrar nela a marca exercida pelo transporte fluvial.

A região de contacto entre o rio e o mar não é menos importante para o homem que o seu curso médio. Há dois tipos a destacar neste caso. Por vezes encontram-se cidades que se localizaram na zona de contacto entre o rio e o mar, para daí alcançarem o porto marítimo, onde grandes navios realizam as comunicações com os portos distantes. Joinville, cidade comercial e industrial (foto 8) está neste caso. Fundada às margens do rio Cachoeira, pequeno ribeirão de planície que é tomado pelas marés, desenvolveu-se graças ao comércio que manteve com São-Francisco através de seu porto que tanto depende do rio como do mar.

Itajaí está em outro tipo de porto flúvio-marítimo. Sua importância tem residido, sobretudo, na sua situação de ponto terminal da navegação fluvial do rio Itajaí-açu. É porto que tanto recebe as pequenas embarcações fluviais como os vapores que fazem a navegação costeira, dada sua situação junto à foz do rio (foto 10). A cidade tem seu traçado orientado pelo rio (foto 9), e em toda sua existência se tem manifestado a influência que sobre ela tem exercido o porto, seu elemento de formação e de progressão (foto 11).

As estradas encontram freqüentemente os rios, que precisam ser atravessados. São as balsas (foto 12), onde o pequeno tráfego não aconselha a construção de obras de vulto, ou as pontes (foto 13), onde estas se fazem necessárias, que realizam a travessia.

UTILIZAÇÃO DO RELEVO

Possui êste painel diversos sub-títulos, abrangendo os assuntos que ilustra.

Planície arenosa, com as fotografias:

- 1 — planície pastoril (Maracajá),
- 2 — plantações de mandioca (Poço-do-Sertão);
- 3 — casa e engenho de farinha (Jaquaruna).

Planície aluvial, contendo as fotografias:

- 4 — aipim e fecularia (Trombudo Central);
- 5 — arrozeira;
- 6 — rodas para elevação de água destinada a arrozeiras,
- 7 — aproveitamento de planície formada pela confluência de dois rios (barra do rio do Tigre);
- 8 — Rio-do-Sul, cidade situada na planície dos rios Itajaí-do-Sul e Itajaí-d'Oeste;
- 9 — trigo no vale do rio do Peixe;
- 10 — milho na planície do rio Tubarão;
- 11 — tabaco na planície do ribeirão do Ferro;
- 12 — beneficiamento de linho (Canoinhas).

Chapadas e encostas, que expõe as fotografias:

- 14 — lavouras nas colinas da área sedimentar do planalto (Bocaina);
- 15 — grande serraria no planalto (Três Barras);
- 16 — galeria que atravessa as colinas na exploração de carvão (Uruçanga),
- 17 — lavouras de milho e tabaco nas encostas do rio do Cedro.

CIDADES DE COLINA

Com a fotografia 13 da cidade de São-Joaquim, planta da mesma cidade e cartograma indicativo de outros núcleos urbanos da mesma classificação geográfica

Interpretação — Inúmeros são os fatores que determinam o aproveitamento do relevo. Alguns se apresentam com grande evidência, como no caso da planície arenosa do sul, em que o solo indicou a pecuária para os terrenos ainda úmidos (foto 1) e a plantação da mandioca para aqueles inteiramente secos (foto 2), mantendo vasta população que conserva os costumes típicos da região de imigração açoreana, com sua casa e engenho tradicionais (foto 3).

Nas planícies aluviais, que constituem as melhores terras para a lavoura, notam-se, em sua utilização, influências do clima e da origem étnica dos lavradores. Em Trombudo-Central, região povoada por agricultores que descendem de imigrantes teutos e onde o solo, produto da decomposição de arenito, é extremamente ácido, não se vê a mandioca unida ao velho engenho de farinha, como na planície arenosa do sul. Ali são plantados mandioca e aipim, como matéria prima para as fecularias (foto 4).

A plantação em arrozeiras com obras de irrigação (foto 5) é típica das regiões de colonos de origem italiana. No ribeirão Santa-Maria, onde as arrozeiras foram feitas em andaes, no vale de pequeno afluente cujo volume de água não era suficiente para irrigá-las, foram instaladas rodas hidráulicas destinadas a levantar a água que as alcançassem (foto 6), reprodução na nora mediterrânea, que na Itália era conhecida pelos antepassados dos povoadores dessa zona.

Há vales com solos ácidos que se tornam procurados para lavoura nas confluências de rios que dão nascimento a fertilíssimas planícies. Isto sucede na barra do rio do Tigre, que desce do planalto basáltico e se une com o rio Canoas no vale da área sedimentar do planalto (foto 7).

O trigo é lavoura que depende do clima, dedicando-se ao seu plantio, no planalto, lavradores de todas as origens (foto 9). Cultivado também por todos os lavradores, o milho encontra seu *habitat* em todo o território catarinense, com a particularidade de apresentar as mais antigas e viçosas plantações nas planícies do rio Tubarão. O tabaco é muito cultivado em Santa-Catarina, na região do rio Itajaí (foto 11) e na dos vales dos rios Uruguai e seu afluente Peixe.

Lavoura nova que encontra em Santa-Catarina solo e clima propício é o linho, acolhido, entre outros, por lavradores de origem polonesa (foto 12).

As planícies aluviais atraem também as cidades, notadamente na confluência de rios importantes, cujos vales, abrigando densa população, constituem fatores dos mais ponderáveis no crescimento de núcleos urbanos.

Tal foi a origem de Rio-do-Sul, cidade que nasceu na confluência dos rios Itajaí-do-Sul e Itajaí-d'Oeste

O planalto sedimentar, com vales e chapadas cobertos de pinheiro, é explotado pela indústria madeireira (foto 15) A lavouira, na área triássica do planalto sedimentar, é freqüentemente atraída pelas colinas (foto 14) e encostas das chapadas, beneficiadas pelo húmus carregado do alto das elevações Na região arqueana, as encostas das montanhas despojam-se de seus revestimentos florestais para dar lugar às lavouras (foto 17) aí localizadas porque as planícies, bastante férteis, são de preferência ocupadas pelas casas e pastos destinados à pequena criação de vacas e aos cavalos de serviço do lavrador

Na região de mineração, as galerias cruzam as colinas (foto 16), com os vagonetes que para fora trazem o minério explotado

Finalmente, são vistas numerosas cidades se formarem nas colinas. Assim fêz São-Joaquim, cidade residencial de fazendeiros, fundada no cruzamento dos antigos caminhos que se dirigiam para o Rio-Grande-do-Sul e para o litoral, em direção à serra Geral.

PLANALTO PASTORIL

Painel composto pelas seguintes fotografias

- 1 — a região de contacto entre o domínio da agricultura e o da pecuária é a que marca o limite entre o litoral e o planalto,
- 2 — campos de Lajes, com casa de fazenda em pleno campo (altitude 950 metros);
- 3 — fazenda em Curitibaanos, com casa no meio do campo (altitude 850 metros);
- 4 — casa de fazenda em Campos-Novos, edificada no alto de coxilha (altitude 900 metros);
- 5 — alto rio do Cedro, com população cujo gênero de vida oscila entre a agricultura de montanha e a criação na floresta,
- 6 — pialo;
- 7 — marcação de gado;
- 8 — rodeio;
- 9 — campos de altitude no morro da Igreja, procurado somente no verão (altitude 1 850 metros);
- 10 — semi-nomadismo, habitação temporária, fato originado pelo rigor do inverno (altitude 1 750 metros),
- 11 — transumância rebanho que, findo o verão, volta às pastagens de inverno, fato originado pela subdivisão do latifúndio pastoril,
- 12 — casa típica de fazenda no campo de São-Joaquim, situada em campo aberto (altitude 1 300 metros);
- 13 — lavoura de agregado de fazenda,
- 14 — influência de descendente de imigrante italiano na casa de fazenda;
- 15 — fazenda a 1 600 metros de altitude, localizada em depressão que a defende dos ventos

Interpretação — O litoral com suas florestas é a região da agricultura, e o planalto, em que domina o campo, o é da pecuária A zona de contacto entre essas atividades será, portanto, o limite oriental do altiplano, a serra Geral (foto 1). Inúmeras são as formas de transição entre as economias agrícola e pastoril, visto ser freqüente a necessidade de associar ambas as atividades No alto rio do Cedro (foto 5), em região florestal, é encontrada população que oscila entre a agricultura de montanha e a criação nas matas das chapadas impróprias para lavouras, onde o gado abre carreiros e se alimenta de brotos tenros de certas espécies vegetais ali existentes

As fazendas de criação, espalhadas por tôda a região de campo do planalto, possuem, comumente, a casa em situação pitoresca, no meio do campo (fotos 2 e 3) ou dominando colinas (foto 4) mesmo quando a altitude atinge 1 300 metros (foto 12), porém a 1 600 metros a tendência é abrigar as habitações em locais defendidos dos ventos (foto 15) No tipo da casa de fazenda é sensível, por vezes, a influência de tradição alienígena Do rancho dos primeiros criadores ao edificio de madeira atualmente em uso, houve, sem dúvida, longo caminho palmilhado Esta evolução, contudo, tem sido feita dentro da tradição do próprio povo (foto 12) quando não há imitação do *chalet* urbano (foto 4) ou influência do imigrante europeu (foto 14).

Findo o inverno inicia-se, no planalto pastoril, as atividades com o gado. Cuidam-se das reses que recebem sal, são vacinadas, etc O laço do peão, em pialos soberbos, derruba os mais fortes touros (foto 6) deitando-os para a marcação (foto 7) ou vacina. As cenas do rodeio, em que o sal é espalhado em

pequena área do campo e aí se reúne o rebanho (foto 8), é igualmente das mais características dessa época do ano.

A influência da altitude na vida pastoril é bastante intensa. Os campos de altitude (foto 9), alguns a 1 850 metros, somente no verão são procurados pelo gado, que na estação fria vive no mato dos arredores. Este fato origina o semi-nomadismo, com regular contingente humano que vive, nas regiões mais baixas, de clima mais suave, e sobe aos campos altos somente no verão (foto 10) para "costear" o gado que sai dos matos, isto é, tratar e tirar leite para fazer queijo.

É evidente, assim, que o rebanho não acompanha este movimento de população. Diferente é a migração de gado que ocorre em fins das estações quentes e frias, espécie de transumância ditada por motivos sociais. É comum a partilha do latifúndio pastoril reduzir a fazenda à extensão de não oferecer pasto a mais de 30 ou 40 reses. Lutando contra esta limitação, o criador mantém nesse terreno 150 ou 200 cabeças durante o inverno, época em que o pasto seca e todo o rebanho emagrece, para transportá-las a terrenos arrendados no verão, onde o pasto permite engordá-las e fabricar queijo com a produção do leite (foto 11).

As fazendas pastoris não deixam, também, de cuidar da agricultura. É trabalho de agregado, homem que vive em terreno de fazenda e nela presta serviço, obtendo permissão para plantar (foto 13) e lançar no campo algumas reses que possua.

TRANSPOSIÇÕES DA SERRA GERAL

Composição do painel

mapa da região sul de Santa-Catarina;
planta de detalhe e perfil do projeto de estrada Grão-Pará-Urubici,
planta de detalhe do projeto da estrada Grão-Pará-Urubici,
planta de trecho de projeto da estrada Aiurê - Urubici,
planta de trecho do projeto da estrada Rocinha-Bom-Jesus,
detalhe do projeto da estrada Rocinha-Bom-Jesus,
três fotografias de aspectos da estrada Rocinha-Bom-Jesus, já construída.

Interpretação — A importância da ligação entre o planalto e o litoral reside justamente na disparidade entre as duas regiões. Elas se completam, e onde não ocorre montanhas entre a orla marítima e o planalto, de maneira a se destacar a diversidade súbita de gêneros de vida por influência única do relevo, as comunicações se tornam mais necessárias.

A primeira ligação sistemática entre o litoral catarinense e o planalto foi feita na região sul do Estado. Ditou-a a necessidade de estabelecer o trânsito de gado regular entre o Rio-Grande-do-Sul e São-Paulo, e orientou-a a ignorância em que nas primeiras décadas do século XVIII se encontravam os governantes em relação ao território brasileiro. Por essa época, a estrada conhecida para Rio-Grande era a costa retilínea de Laguna para o sul, de onde se avis-taram as imponentes escarpas da serra Geral. Desta praia partiram os primeiros exploradores que subiram o planalto e abriram os campos de Lajes. É curioso constatar-se nesse fato um erro geográfico na confusão entre a serra do Mar, em São-Paulo, e a serra Geral, em Santa-Catarina. Vendo ambas se apresentarem como borda do planalto na linha norte-sul aproximadamente, o autor da ligação entre Viamão e Sorocaba imaginou que bastava subir o planalto na altura de Araranguá, para chegar a São-Paulo, seguindo sempre essa linha.

A evolução seguida pelas populações do Rio-Grande-do-Sul e Santa-Catarina fez perder o interesse que tinham pela estrada através da serra Geral. Esta fôra vencida pela ligação Florianópolis-Lajes e Blumenau-Lajes. Contudo, já-mais deixou de haver o trânsito entre as duas regiões, feito nos picadões primitivos com as mesmas dificuldades do século XVIII. Somente na última década do século em curso foi tomado o projeto de se realizar a estrada através dos paredões abruptos da serra Geral. Das antigas colônias do litoral havia-se formado correntes de povoamento que aproveitava as terras agrícolas do planalto catarinense. A mineração de carvão, em progresso, exigia novas ligações com outras regiões capazes de lhe abastecer de gêneros alimentícios. Foram atacados, pelo Estado de Santa-Catarina, os estudos de três estradas nessa direção. A estrada Rocinha-Bom-Jesus, apresentando-se em melhores condições técnicas, foi logo construída, tendo galgado o planalto no Rio-Grande-do-Sul, onde o Governo deste Estado a prosseguiu até à cidade de Bom-Jesus.

A escarpa basáltica que constitui a serra Geral é verdadeiramente uma barreira. Os operários e engenheiros na construção da estrada da Rocinha trabalhavam amarrados pela cintura, muitas vezes sem apoio nos paredões lisos,

Subindo o altiplano, a estrada da Rocinha executa reversões caprichosas, pelas quais o engenheiro do século XX vence as mesmas dificuldades que bem junto dali venceu o empírico explorador do século XVIII que se dirigia para São-Paulo.

Das duas outras estradas, a de Gão-Pará não é exequível. A de Aiurê estabelecera, em breve, mais uma ligação entre o litoral e o planalto, em território catarinense, marcando mais uma vitória do homem sobre as barreiras geográficas.

OBRAS PÚBLICAS E A FUNÇÃO GEOGRÁFICA

Compunha-se o painel das seguintes fotografias:

- 1 — Departamento de Saúde Pública, construído em 1940, em bairro que assim adquiriu a função administrativa; influenciou sobre o trânsito urbano, pela frequência do povo aos diferentes serviços de assistência que possui,
- 2 — Penitenciária, reformada e ampliada em 1940; sua construção em zona agrícola estendeu o limite da cidade,
- 3 — Abrigo de Menores, construído em 1940, onde funciona o Juízo de Menores, estende ao bairro agrônomico a função administrativa da cidade;
- 4 — Hospital "Nereu Ramos", para doenças infecto-contagiosas, construído em 1942, em bairro pouco povoado;
- 5 — Hospital "Nereu Ramos", que deu ao bairro a função hospitalar,
- 6 — Educandário "Santa Catarina", para filhos sadios de leprosos, construído em 1938, na zona agrícola de São-José, que adquiriu a função escolar,
- 7 — Pôsto de Defesa Sanitária Animal, construído em 1936, que trouxe a função administrativa à zona agrícola da cidade de São-José,
- 8 — Colônia "Santana", para psicopatas, construída em 1941, localizada na zona agrícola, trouxe-lhe a função hospitalar,
- 9 — Colônia "Santa Teresa", para leprosos, construída em 1940; o vale ocupado teve a função agrícola transformada em função hospitalar,
- 10 — Pôsto de Puericultura, de Laguna, construído em 1941, que aumentou a função da cidade em que está situado,
- 11 — Maternidade de Lajes, construída em 1943, elemento da função urbana de Lajes;
- 12 — Centro de Saúde, de Tubarão, construído em 1940, a assistência médico-sanitária do Estado constitui uma das funções da cidade em que o serviço está localizado;
- 13 — Residência da Diretoria de Estrada, em Tubarão, alarga a função urbana aos limites da repartição técnica,
- 14 — Grupo Escolar, na vila do Testo, construído em 1940, elemento de destaque na função escolar da localidade em que foi edificado,
- 15 — Delegacia Regional de Polícia, em Brusque, construída em 1941, que estende a função urbana.

Interpretação — Nas relações entre o homem e as ilhas, costa, rios e relêvo, apareceu sempre o trabalho espontâneo das populações que reagiram ao ambiente e foram por êle influenciados. Tratemos agora de outra espécie de obras humanas, levantadas pelo Governo, que não representam adaptações, mas que possuem destaque na paisagem regional. Estudemos êsses elementos pela função geográfica que exercem. E' inegável que estas divergem, até certo ponto, das obras espontâneas do povo. Êstes últimos são ditados pelo meio físico e com a própria população evoluem; aquelas, pelo contrário, são inspiradas em princípios gerais de administração, e se destinam a agir sobre a coletividade.

Tomemos para primeiro exemplo o Departamento de Saúde Pública (foto 1), com seus serviços de assistência à infância, à maternidade, prevenção contra a tuberculose, a malária, etc. E' uma obra edificada em zona residencial da cidade de Florianópolis, que passou a participar da função administrativa. Não parou aí o traço que êste Departamento imprimiu ao bairro. Antes de sua construção, o trânsito nessa rua intensificava-se somente nas horas dos homens saírem para o trabalho e dêle voltarem; atualmente a concorrência é feita nas horas em que funcionam os serviços de assistência.

A Penitenciária do Estado, em Florianópolis (foto 2), foi levantada na zona agrícola imediata à cidade. Os funcionários que procuraram habitar junto à repartição, e a concentração de habitantes que disso resultou, alargaram até lá o limite urbano.

O Abrigo de Menores e o Juízo de Menores (foto 3), instalados em bairro residencial, espalharam a função administrativa da cidade, como fêz o Departamento de Saúde.

A função do hospital "Nereu Ramos" (fotos 4 e 5), para doenças infecto-contagiosas, destaca-se por estar situado em bairro pouco povoado, no qual se isolou da zona residencial por vasto espaço vazio em seu redor

Na cidade de São-José são dignos de registro o Educandário "Santa Catarina" (foto 6) e o Posto de Defesa Sanitária Animal (foto 7). Os locais em que êstes edificios se elevam pertenciam ao *habitat* rural, e depois da sua construção foram encorporados ao *habitat* urbano, atingindo aí as funções administrativas e escolar da cidade.

As notáveis obras que são as colônias "Santana" (foto 8) e "Santa Teresa" (foto 9), para psicopatas e leprosos respectivamente, exerceram influências notáveis sôbre as regiões em que foram situadas. Estão a menos de 30 quilômetros de Florianópolis, com a qual se ligam por boas estradas de rodagem. Outrora, a zona agrícola, de *habitat* disperso, ali se estendia. Atualmente a função hospitalar determinou maior concentração de população, dada a reunião de funcionários sadios nessas colônias, alterando-se profundamente a paisagem até então ostentada.

Certas obras, como a Maternidade de Lajes (foto 11), e o Pôsto de Puericultura de Laguna (foto 10), enriqueceram as funções urbanas, determinando movimentos de população dentro da cidade. Outras, porém, são mais importantes por alargar o âmbito de influência do núcleo urbano. O serviço de assistência do Departamento de Saúde é feito, no interior do Estado, em distritos sanitários, sendo eleita uma cidade para sede do distrito, na qual é edificado um Centro de Saúde (foto 12). O mesmo sucede com a Diretoria de Estradas (foto 13), que divide o território em residências, e em cada sede levanta um prédio para sua repartição, no que é imitado pela Secretaria da Segurança Publica com suas delegacias regionais (foto 15), em cujas sedes são construídos edificios próprios. Estas obras indicam, desta maneira, que os limites da função urbana atingem os das repartições estaduais especializadas.

Os grupos escolares (foto 15), constituem outro tipo digno de destaque. Substituem as escolas isoladas, determinando a concentração de estudantes. Nas cidades são edificados em bairros diferentes, e em todos os núcleos constituem o elemento de destaque na função escolar da localidade.

CONCLUSÃO — A exposição apresentada pelo Estado de Santa-Catarina foi além do mostruário de fotografias e cartogramas que focalizassem aspectos interessantes do território catarinense: Teve-se em vista expor, tão fielmente quanto possível, o que geográficamente é o Estado. Tal finalidade encerra, por certo, a cooperação do visitante para realizar a interpretação. Mas se o fim principal das exposições geográficas é seu caráter educativo, o que há de mais útil que pedir o esforço mental necessário à compreensão do material exposto?

Vimos que interpretar exposições não é tarefa difícil, e é de se desejar que em outras a se realizarem, apareçam tentativas do mesmo gênero, capazes de transformar o visitante em colaborador ativo dos organizadores dos certames culturais que são as exposições dos Congressos Brasileiros de Geografia.

Eng VITOR PELUSO JÚNIOR